

Vitória Acima da Superioridade: Como os Aliados Venceram a Segunda Guerra Mundial na Europa

Victory Beyond Superiority: How the Allies won the World War II in Europe

Resumo: As relações internacionais atuais mostram o renascimento da competição entre Estados, o que revela a possibilidade de um conflito convencional entre grandes potências. Na ausência de confrontos recentes desse tipo, a dinâmica da Segunda Guerra Mundial (IIGM) ainda é uma útil fonte de compreensão sobre como um novo conflito pode se desdobrar. Para examinarmos essa guerra mundial do século passado, formulamos como questão se a superioridade dos Aliados, em termos econômicos e de pessoal, tornou sua vitória praticamente inevitável no teatro europeu. É uma pergunta ainda válida atualmente, porque os estados continuam competindo sob o guarda-chuva do dilema de segurança segundo o qual a capacidade de defesa é entendida como aumento do número de “soldados” e de meios. Este artigo teve como objetivo responder à pergunta com o apoio da teoria de Michael Handel, que afirma que guerras prolongadas foram vencidas por aqueles que, além de superioridade econômica e na quantidade de “soldados” e de outros meios, mostram melhor liderança, formam uma aliança profícua e observam a geografia com sabedoria. Nosso estudo concluiu que, embora a superioridade tenha sido de fato relevante na IIGM, ela foi na verdade apenas a parte visível de uma estratégia pensada e conduzida por uma liderança experiente que levou em conta as características da geografia e estabeleceu um forte sistema de alianças.

Palavras - chave: IIGM; Liderança estratégica; Alianças; Abordagem indireta.

Abstract: Current state of international affairs shows the rebirth of near-peer competition. This unveils the likelihood of a conventional conflict between great powers. In the absence of recent clashes of that character, the World War II's (WWII) dynamics can still provide valuable insights on how a new conflict might unfold. To find a useful angle to examine this past-century global war, we formulated the question whether the superiority of the Allies, in terms of manpower and economy, turned their victory practically inevitable in the European theater. It seems an enduring question for today because states usually compete within a security dilemma framework by which they work to enhance defense capacity by increasing numbers of personnel and assets. This paper aimed to respond the question with the support of Michael Handel's theory that states that protracted wars have been won by those who, besides superiority of men, assets and economy, show better leadership, put together a working alliance, and apply geography wisely. Our study concluded that, although superiority was indeed important in the WWII, it was actually only the visible portion of a strategy envisioned and implemented by an experienced leadership who took into account features of geography and established a strong alliance.

Keywords: WWII; Strategic leadership; Alliances; Indirect approach.

Carlos Macedo 

Marinha do Brasil. Escola de Guerra Naval.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
carloermacedo@yahoo.com.br

Adriano Lauro 

Marinha do Brasil. Escola de Guerra Naval.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
adlauro@gmail.com

Alceu Oliveira Castro Jungstedt 

Marinha do Brasil. Escola de Guerra Naval.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ajungstedt@yahoo.com

Recebido: 09 abr. 2021

Aprovado: 28 out. 2021

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 Introdução

Apenas recentemente os Estados Unidos da América (EUA) declararam formalmente que o país aderiu a um esquema de concorrência com outros Estados, a saber, Rússia e China. Segundo a Estratégia Nacional de Segurança estadunidense (NSS-2017)¹, "China e Rússia desafiam o poder, influência e interesses americanos, tentando corroer a segurança e prosperidade dos EUA" (THE WHITE HOUSE, 2017, p. 2). O mesmo documento considera os dois Estados como sendo próximos em nível de poder, o que implica — pelo menos como um meio de propaganda interna talvez — que a soma das fontes de poder nacionais da China e da Rússia é quase equivalente à dos EUA. A realidade, porém, é que o equilíbrio de poder, ao menos em termos de material militar e economia, ainda é a favor dos estadunidenses. Comparando-se EUA e China no domínio marítimo, constata-se manifesta vantagem da Marinha dos EUA sobre a Marinha do Exército Popular de Libertação da China. Mesmo com demonstrações ostensivas de que a China está correndo para igualar suas forças, os EUA ainda mantêm alinhamentos relevantes com as potências regionais asiáticas que provavelmente fornecerão meios extras para o lado americano.

"A concorrência nem sempre significa hostilidade, nem inevitavelmente leva a conflitos" (THE WHITE HOUSE, 2017, p. 3). Embora isso seja verdadeiro, a ponto de estar escrito até mesmo no NSS-2017, não se pode negar que as teorias que defendem que, uma vez iniciada a competição, ela é dificilmente controlável, são abundantes. A Armadilha de Tucídides, segundo a qual a guerra é o resultado provável quando uma grande potência ameaça superar outra (ALLISON, 2017), é certamente um exemplo emblemático dessas teorias². O Dilema de Segurança, indissociável da teoria de Tucídides, parece o mais adequado para explicar a formulação do antigo escritor grego. Em resumo, uma grande potência ascendente precisará tomar medidas, principalmente no domínio militar, para permitir que seu sistema defensivo se desenvolva de mãos dadas com sua ampliação econômica e sua nova afirmação política. Ao fazer isso, "qualquer medida [o novo grande poder] tomada para reforçar sua própria defesa será interpretada por um adversário como ofensiva ou provocadora, ou ambas" (BIDDLE, 2020, p. 108).

No conjunto, a situação formal de competição entre alguns Estados mais proeminentes do mundo, juntamente com o fato de que um Estado é, em certa medida, superior aos outros, levanta a questão de se a superioridade econômica – e meios mais no estado da arte, como resultado – é uma condição para o sucesso no caso de o atual estado de coisas evoluir para uma guerra. Embora as guerras contemporâneas sejam mais propensas a desenrolar-se em uma zona "cinza" não claramente definida, o que significa que passará grande parte de sua fase introdutória como uma espécie de guerra híbrida, um adversário cuidadoso pode considerar olhar para o passado em busca de respostas sobre como uma guerra convencional se desdobraria. A esse respeito, a Segunda Guerra Mundial (IIGM, 1939-45), especialmente em seu teatro europeu, parece ser um exemplo valioso. Foi, de fato, o último conflito físico, convencional, entre dois blocos poderosos.

1 É importante mencionar que, juntamente com a ascensão do novo governo dos EUA, uma nova política de segurança foi implementada por meio da Orientação Estratégica de Segurança Nacional Interina, março de 2021, disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

2 Para uma visão oposta à Armadilha de Tucídides, de Allison, ver Sullivan (2018).

No exemplo dessa guerra do século passado, deve-se mencionar, no entanto, que, uma vez que os EUA se juntaram a ela, os números (bélicos, de força e produção material de apoio à guerra, bem como a economia, como um todo) tornaram-se muito superiores do lado dos Aliados. Dito isto, examinar se é verdade ou não que a vitória dos Aliados era praticamente inevitável, dada sua superioridade econômica e de homens é, de fato, um exercício válido que provavelmente se aplicará ao mundo de hoje.

O Professor Michael Handel (2001, p. 9) oferece uma teoria sólida para responder, embora não diretamente, à pergunta acima. Ele afirma que as guerras prolongadas foram ganhas por uma conjunção de fatores que vão para além das superioridades econômicas e de capital humano³. Isto parece servir como lição para os EUA em um novo século, novamente caracterizado pela concorrência ostensiva entre Estados, sendo um deles — a China — um produto da visão maoísta sobre a eficácia da guerra prolongada e, então, um eventual utilizador desta estratégia novamente. A afirmação de Handel é sem dúvida aplicável ao resultado da IIGM na Europa, onde a vitória dos Aliados reflete uma aplicação mais holística dos seus poderes nacionais. A nossa tese, portanto, é que, para além dos pontos fortes em termos de capital humano e econômico, a melhor utilização da diplomacia e da informação pelos Aliados contribuiu para um esforço bem sucedido de congregação de todo o Poder Nacional. Esta abordagem na condução da guerra traduz-se em três outros aspectos que Handel define como elementos para a vitória: **a) uma liderança mais eficaz; b) uma melhor cooperação entre aliados e; c) uma sábia utilização da geografia.**

Cada um deles será desenvolvido mais a fundo como argumento para sustentar a tese. Isto será explorado — ao longo das seções dois, três e quatro — confrontando a teoria de Handel com a realidade do teatro europeu da IIGM para examinar até que ponto esses três aspectos foram observados pelos Aliados, conduzindo, em última análise, ao seu triunfo global, e quão mal o Eixo os administrou. Antes de prosseguir com os argumentos, vale a pena reconhecer a complexidade dos eventos históricos que conduziram e circundam a Segunda Guerra Mundial. Coutau-Bégarie (2010) salienta que o método histórico de estudar estratégia tem, como uma de suas desvantagens, a probabilidade de seleção parcial de fatos por parte dos autores para confirmar uma teoria. Na tentativa de superar este viés de confirmação, ofereceremos, na seção seis, contra-argumentos plausíveis para a tese. Quanto a agora, começamos com os argumentos, sendo o primeiro relacionado a uma liderança eficaz.

2 Experiência: uma blindagem contra a ideologia

Um dos ditados mais famosos da Estratégia vem de Carl von Clausewitz (1780-1831): "a guerra é apenas a continuação da política por outros meios" (CLAUSEWITZ, 1989, p. 87). Essa frase chama nossa atenção para o fato de que a liderança, em nível nacional e estratégico, é fundamental para travar uma guerra. Ela facilita o alinhamento entre objetivos militares, estratégicos e políticos, abrindo espaço, então, para o sucesso. Outra declaração poderosa pertencente ao clássico prussiano enfatiza a importância de uma Liderança sólida para fornecer um fluxo adequado de avaliações e reavaliações durante a [e antes da] campanha. Citando diretamente Clausewitz,

3 "[...] as guerras prolongadas foram ganhas por uma **liderança mais eficaz, melhor cooperação entre aliados**, maior força econômica real ou potencial, e **condições topográficas e geográficas favoráveis** [sic]" (HANDEL, 2001, p. 9, sublinhado acrescentado).

[...] primeiramente, o supremo, o ato de julgamento mais abrangente que o estadista e comandante tem de fazer é estabelecer [...] o tipo de guerra em que estão embarcando; nem confundi-lo com, nem tentar transformá-lo em algo estranho à sua natureza. Essa é a primeira de todas as questões estratégicas e a mais abrangente. [...] o ponto de vista cardinal a partir do qual a guerra e a teoria da guerra devem ser examinadas (CLAUSEWITZ, 1989, p. 88-89).

Finalmente, o foco do autor em Liderança também é identificável em sua trindade de guerra proposta (CLAUSEWITZ, 1989, p. 89) e em como ela se traduz em um triângulo ideal⁴. O Governo, um dos vértices, embora totalmente exposto a reivindicações apaixonadas provenientes de seu povo (outro vértice) e afetado pela incerteza natural dos resultados militares (último vértice), deve manter a razão necessária para administrar a máquina de guerra.

No conjunto, e analisando como a trindade/triângulo *Clausewitziano* funcionava no lado dos Aliados, esta seção procurará explicar que os papéis de cada vértice (governo, militares e povo) do triângulo aliado foram bem respeitados e as interações entre os lados foram mantidas harmônicas. Os governos (mesmo o soviético, apenas considerando o período durante a guerra) foram bem sucedidos em ser um condutor razoável do esforço geral. Os planejadores militares foram meticolosos e menos vulneráveis ao jogo do acaso e mostraram grande adaptabilidade ("espírito criativo") durante a guerra. O povo apaixonado transformou ódio em determinação e se permitiu converter em forças de combate e meios de produção em larga escala. Estados-maiores híbridos (interação civil-militar) permitiram um melhor fluxo de ordens e avaliações, fazendo com que os objetivos políticos fossem compatíveis com os meios disponíveis — e atentos aos seus efeitos de segunda e terceira ordem — e os objetivos militares fossem vinculados aos objetivos políticos. Através de uma comunicação pública criteriosa e constante, a população foi mantida propensa a contribuir com a máquina de guerra e protegida contra eventuais oposições.

Isso foi possível graças a uma liderança formada por estadistas já experimentados por ocuparem altas posições em conflitos anteriores. Eliot Cohen (2002) é uma boa referência sobre como as experiências anteriores de Sir Winston Churchill (1874-1965), principalmente o fracasso britânico em "abrir" os Dardanelos para chegar à Turquia, moldou seu caráter, sua liderança e sua preparação para melhor exercer, no futuro, a interação civil-militar. Quanto aos outros dois, Franklin Roosevelt (1882-1945) foi o Secretário Assistente da Marinha dos EUA durante a Primeira Guerra Mundial (IGM — aqui considerado seu período europeu completo: 1914-18), e Josef Stalin (1878-1953) desempenhou uma função crucial durante a invasão soviética à Geórgia, em 1923, e foi de notável habilidade política ao emergir como líder soviético após a morte de Lenin.

Benito Mussolini (1883-1945) e Adolf Hitler (1889-1945), por outro lado, foram Praças durante a IGM. Como os dois subiram do nível tático de guerra diretamente para o nível político, sem exercerem funções nos níveis operacional e estratégico, é razoável inferir que, no início da IIGM, eles ainda eram muito influenciados por características pertencentes mais ao povo do que ao Governo; particularmente, paixão e ódio.

⁴ A paradoxal trindade da guerra é explicada com mais detalhes no que os estudiosos chamam de triângulo *Clausewitziano*: povos-militares-governo.

Trazendo a discussão de volta ao lado bem sucedido da guerra, Churchill assumiu o cargo após vários anos de política de apaziguamento fracassada, sendo prontamente confrontado com a campanha de retirada de Dunquerque, França (maio-junho de 1940). Ao administrar a retirada de cerca de 350 mil soldados, ele deu o tom de uma nova abordagem em relação à Alemanha — uma abordagem indireta (MATLOFF, 1986), cedendo espaço para ganhar tempo. Não indiferente ao clamor do povo, o Primeiro Ministro reconheceu que "as guerras não são vencidas por evacuações" (CHURCHILL, 1940), mas foi firme em evitar o confronto direto com a Alemanha até que uma aliança mais forte pudesse ser forjada.

Anos mais tarde, quando a tríade aliada foi formalmente estabelecida, sua abordagem indireta ainda prevalecia. Mesmo com todas as reclamações vindas de Stalin, Churchill evitou desembarcar na França em primeiro lugar, escolhendo a campanha norte-africana (Operação Tocha) como primeira ofensiva anfíbia periférica contra os alemães em novembro de 1942. Certamente, a experiência de Churchill durante a IGM mostrou que uma guerra de trincheiras por atrito tende a impactar o moral nacional muito mais do que uma aparente inação, que é como uma abordagem indireta pode ser interpretada pela população leiga. "Certamente [a IGM] dominou o pensamento britânico sobre níveis aceitáveis de baixas em grandes operações militares no Continente" (COHEN, 2002, p. 110). Com tudo isso em mente, Churchill foi hábil em, ao mesmo tempo, colocar um fim na política de apaziguamento e evitar o envolvimento direto com o inimigo.

Enquanto isso, Matloff (1986) aponta que, do outro lado do Atlântico, dentro dos EUA, a voz independente de Roosevelt em assuntos estratégicos foi ousada ao postular a Alemanha como o inimigo americano número um, independentemente da vontade das pessoas que olhavam para o Japão como uma óbvia primeira escolha em resposta ao ataque a Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941). A determinação de Roosevelt também estava relacionada ao seu apoio incondicional a Churchill. George Baer (1993) mostra que isto se tornou flagrante em 1942 quando, contra o assessoramento de seu Alto Conselho Militar, ele escolheu apoiar o Plano Tocha de Churchill ao invés do ataque direto sobre a Europa, através do Plano Bolero. O autor afirma que foi a decisão correta. De fato, o desembarque direto na Europa, epicentro da guerra, com soldados americanos inexperientes em combate, poderia ter causado um perigoso contratempo ou, no mínimo, uma prolongada atrição. Com a adesão dos EUA aos Aliados, o fator operacional tempo ficou agora ao lado deles, pelo menos na frente ocidental. Isso deu sentido à abordagem indireta, ao mesmo tempo em que proporcionou um impacto positivo na moral nacional — com vitórias de menor custo operacional em pontos inimigos mais vulneráveis — e fortaleceu a aliança com o Reino Unido. No total, a campanha no Norte da África era a única ofensiva possível até aquela época, sendo a Bolero, pelo menos sob uma perspectiva naval, "irrealizável antes de 1944" (BAER, 1993, p. 223). No fim, foi a ousada liderança de Roosevelt em empurrar a estratégia para uma direção diferente da proposta pelos altos escalões militares que tornou possível que os objetivos militares estivessem em congruência com os objetivos políticos, sendo o principal deles a aliança com o Reino Unido.

No nível operacional, a Marinha dos EUA demonstrou uma grande evolução durante a Batalha do Atlântico. Isso provavelmente foi devido a um ajuste na Liderança. No início, afetada por uma turbulenta relação civil-militar sobre seu projeto e o controle de seu orçamento, desenvolveu uma estratégia enviesada para lidar com a ameaça submarina: A adoção de uma inspiração *mahaniana* para disputar o comando do mar buscando uma batalha decisiva contra uma ameaça invisível, sob a superfície. Para piorar, esse comportamento ofensivo não foi apoiado por patrulhamento suficiente. Tudo isso é suficientemente coberto por Baer (1993), que também mostra que o curso da batalha proporcionou à Marinha uma valiosa reavaliação de que o objetivo militar negativo (proteger as cargas) era mais adequado ao objetivo político geral de assegurar o fornecimento contínuo ao Reino Unido. Perseguir “matilhas” de submarinos não era necessário nem produtivo. Além disso, o esquema de comboios estava mais alinhado com a abordagem indireta realizada em terra. Poucos anos após, o ajuste da estratégia marítima, com o reforço da capacidade de patrulhamento, incluindo o uso de aviões anti-submarinos com maior alcance, lançados de terra, e o uso de navios-aeródromo de escolta, a “lacuna atlântica” foi finalmente fechada para os submarinos alemães. Tudo isso sem um aumento geral de ativos, apenas pela correção do objetivo militar e mais foco na inteligência.

Por outro lado, e trazendo Clausewitz novamente à discussão, a trindade do lado alemão (o Eixo) “paixão-cálculo-razão” nem sempre correspondeu aos vértices triangulares “povo-militares-governo”. Muitas vezes, a paixão e a ideologia impulsionaram os objetivos do governo enquanto as campanhas militares eram marcadas por suposições errôneas, às vezes em desrespeito deliberado à inteligência militar. Murray & Millett (2000) argumentam que isso aconteceu nas campanhas contra a Noruega, Inglaterra, Creta e Rússia. Uma estratégia para uma guerra convencional que desconsidere a harmonia acima mencionada é inútil, e podemos postular que um Estado falhará em travar uma guerra enquanto subverte a correspondência bijetiva dos lados da trindade com os vértices do triângulo. Uma estratégia sábia funcionaria para manter e aproveitar a paixão associada ao povo; o acaso, o atrito e o cálculo com os militares; e a razão, para administrar todo o descanso, com o Governo.

Na Alemanha, Hitler foi o primeiro a ocupar um vértice diferente no polígono de guerra: “de fato, somente Hitler determinaria a estratégia e daria a orientação para [...] as operações militares dos três serviços” (MURRAY; MILLETT, 2000, p. 44). Os três chefes das Forças Armadas estavam diretamente abaixo dele, e não havia atmosfera para a preparação conjunta e até mesmo para operações combinadas. O nível estratégico intermediário foi eliminado com um consequente compromisso na definição de objetivos militares corretos. O resultado foi que a ideologia de Hitler de um *Lebensraum* foi sempre um impulsor, sem filtro, para novas campanhas territoriais. Cegos por triunfos iniciais rápidos e decisivos, a ideologia de Hitler empurrou a Alemanha para uma armadilha de luta apenas para alcançar seu ponto culminante, especialmente após aceitar uma guerra de duas frentes, invadindo a Rússia sem terminar os “negócios” contra os britânicos. Mesmo considerando o regime soviético uma ameaça, as diretrizes políticas nazistas deveriam ter evitado uma invasão em primeiro lugar, talvez travando com os soviéticos uma espécie de guerra híbrida, sem negar formalmente o Pacto Molotov-Ribbentrop. Por exemplo, a execução de uma campanha informativa contra Stalin, associada a movimentos de baixa intensidade e “ocupações”

informais, poderia ter capitalizado os efeitos do Expurgo de Stalin no Exército Vermelho e o clamor da população das províncias satélites. Isso provavelmente teria sido mais eficiente do que o rolo compressor étnico que trouxe os soviéticos — especialmente aqueles que não eram russos —, pessoas desesperadas, para os “braços de seu tirano” e, em última instância, reforçou a força do triângulo soviético.

Quanto aos italianos, não foi diferente. Movidos pela ideologia de recriar o antigo *Mare Nostrum* romano, conquistando terras ao redor do Mediterrâneo, os italianos ficaram presos em teatros menos importantes, enquanto permitiam que os britânicos mantivessem seu refúgio no Egito. Pior ainda, depois de perder homens e bens na Iugoslávia, Grécia e Albânia, o ditador italiano Mussolini não foi mais capaz de sustentar sua liderança em erosão. Ele perdeu, então, a harmonia mínima entre governo, militares e povo, o que significa que o triângulo *Clausewitziano* italiano entrou em colapso. Isso deu lugar ao surgimento de um adversário interno relevante — o outrora apoiador Rei Vittorio Emanuele III (1869-1947) — que acolheu a invasão aliada à Sicília em 1943, o que, por sua vez, levou à capitulação italiana.

Concluindo, esta seção pretendia discutir a influência da liderança no resultado da IIGM a favor dos Aliados. Em relação a alguns dos escritos de Clausewitz, foram-nos dadas lentes para visualizar que uma liderança experiente tem mais probabilidade de manter a harmonia desejável dentro do estado, mantendo relações estáveis entre o governo, os líderes militares e o povo como um todo. Isso foi o que aconteceu no lado aliado e não foi observado dentro do Eixo. Além disso, com exceção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os sistemas de governo dos Estados aliados e a experiência democrática estavam em franco desenvolvimento há pelo menos (considerando os EUA) mais de um século. Isso também contribuiu para o fortalecimento das relações institucionais internas. No conjunto, os Aliados foram conduzidos a um fluxo mais equilibrado de metas políticas, fins estratégicos e objetivos militares. Como consequência secundária, o estabelecimento de um compromisso mais forte com a coalizão aliada tornou-se mais fácil, mas este é um assunto para a próxima seção.

3 As alianças precisam de uma cola de pragmatismo

A esta seção, Stephen Walt (1987) fornece um sólido suporte teórico. Segundo ele, as alianças tendem a ser mais fortes quando forjadas com base em uma espécie de ameaça existencial do que quando criadas como um instrumento de equilíbrio de poder. Além disso, ele aponta que, em vista de uma ameaça emergente, os Estados têm duas opções: *equilíbrio* – aliando-se a outros contra a ameaça mútua percebida —; ou, o, *bandwagoning*, que significa simplesmente juntar-se à ameaça (WALT, 1987). Finalmente, o autor ressalta que “o balanceamento é muito mais comum do que o *'bandwagoning'*” e que “a ideologia é menos poderosa do que o balanceamento como motivo de alinhamento” (WALT, 1987, p. 5). O estudo das alianças que operam no teatro europeu da IIGM mostra que os Aliados, verdadeiramente baseados em um sistema de equilíbrio, foram capazes de manter laços mais fortes dentro dele e, como resultado, foram mais pragmaticamente bem sucedidos do que o Eixo.

Começando nossa análise com o lado do Eixo, lembraremos que os sucessos diplomáticos coletados pelos nazistas tiveram seu apogeu na primeira metade de 1939. Isso se seguiu à união com a Áustria (o *Anschluss* em março de 1938), à reivindicação acedida sobre os Sudetos tchecos, em setembro do mesmo ano, e à anexação final de toda a Tchecoslováquia, em março de 1939. Este sucesso é atribuído mais à fraqueza do desejo anglo-francês de dissuadir a Alemanha do que a uma forte proficiência diplomática no lado nazista. De todo modo, a diplomacia alemã foi capaz de mostrar um último sopro de eficácia com o Pacto de Não Agressão Nazi-Soviético (Molotov-Ribbentrop) de agosto de 1939, que saiu alinhado com os objetivos gerais do *Führer* em impedir o despertar dos soviéticos e permitir a concentração de esforços na frente ocidental em breve. Depois disso, uma vez que o pacto foi desfeito, a guerra tornou-se muito mais do que "a continuação da política por outros meios", mas o único instrumento de política que os nazistas utilizaram até o final da IIGM. A guerra foi transformada em um fim em si mesma. Mesmo antes disso, a aceleração dos planos militares alemães e o movimento sobre a Polônia finalmente trouxeram, após anos de apaziguamento, uma Inglaterra resoluta liderada por Churchill para a guerra. A ousadia desta última, por não ter sido obrigada pela "diplomacia aérea" nazista a se render em 1940, pode ter representado, segundo alguns escritores, como Stephen Bungay (2009, p. LIX), o ponto de virada da guerra e o início da derrota nazista.

A sobrevivência do Reino Unido reacendeu o medo alemão de que um bloqueio naval mais forte paralisaria sua máquina de guerra por volta de 1941. Especialmente porque a aceleração dos planos alemães não permitiu a conclusão do Plano Z (iniciado em 1939), para recriar a Esquadra do Alto Mar para conter a superioridade naval britânica. O plano foi organizado de forma a se materializar apenas em 1945, quando Erich Raeder (1876-1960), Grande Almirante da *Kriegsmarine*, foi informado de que a guerra contra os britânicos seria inevitável (HUMBLE, 1971). Pressionada pelos britânicos, a solução prevista para manter o fornecimento de alimentos e matéria-prima, a Operação Barbarossa (junho-dezembro de 1941), veio em total desrespeito ao Pacto Molotov-Ribbentrop, aos acordos econômicos nazistas-soviéticos e ao compromisso soviético de aderir ao Eixo⁵. O Poder Militar havia derrubado a razão; a crença de que a Alemanha era capaz de vencer a URSS antes que os soviéticos tivessem a chance de reorganizar o Exército Vermelho fez vista grossa ao fato de que a ajuda da URSS era de importância militar decisiva para a Alemanha (MURRAY; MILLETT, 2000). O empreendimento, além de cortar importantes fornecimentos para a Alemanha, abriu uma segunda frente com linhas de comunicação muito amplas e objetivos militares geograficamente divergentes (Leningrado⁶, Moscou e a região caucasiana Rostov-Stalingrado⁷ - Baku). Politicamente, acabou proporcionando ao Reino Unido o principal instrumento de seu tradicional e "confortável" esquema de guerra: um poderoso exército continental aliado.

5 Roman Brackman (2001, p. 289) argumenta que "o objetivo da visita de Molotov a Berlim em novembro de 1940 era chegar a um acordo com Hitler sobre as condições sob as quais a União Soviética se juntaria ao 'Eixo' Berlim-Roma-Tóquio.

6 São Petersburgo, hoje em dia.

7 Volgograd, hoje em dia.

Ainda discutindo as falhas dos movimentos diplomáticos alemães, outro aliado desprezado e disposto a *bandwagon* do Eixo foi a Espanha. "Francisco Franco [...] estava deixando claro [...] seu anseio de aderir ao Eixo o mais rápido possível" (MURRAY; MILLET, 2000, p. 84). Após anos de guerra civil, não era uma potência na Europa, mas suas bases estratégicas nas Canárias e sua proximidade com Gibraltar teriam proporcionado um empreendimento menos difícil para negar o Mediterrâneo ao Reino Unido e para evitar a futura execução do Plano Tocha. Mais uma vez, foi a crença de Hitler numa vitória fácil sobre a Europa que impediu a aliança com outra potência de segunda classe com a qual os espólios teriam sido compartilhado.

A Itália já era um fardo, com sua guerra paralela para assegurar o Mediterrâneo como seu *Mare Nostrum*. Quer a Itália tenha se juntado ao Eixo em uma tentativa de *bandwagoning* ou por causa de uma ideologia similar compartilhada com os nazistas, ou ambos, a realidade era que o Eixo na Europa carecia de objetivos comuns e cada membro estava visando sua expansão em direções diferentes: a Alemanha em direção ao coração europeu; e a Itália, ao Mediterrâneo e sua periferia. Não havia confiança mútua e não havia uma equipe formal combinada. A Itália invadiu a Grécia sem informar a Alemanha, enquanto esta última invadiu a URSS sem consultar a Itália (HOSCH, 2010). Assim, o Eixo na Europa foi uma falácia e a Itália fez muito pouco para a campanha global. Muito pelo contrário: Hitler culpou os italianos pelo fracasso da campanha nazi contra a URSS. Ele argumentou que a intervenção alemã para salvar a falhada conquista italiana da Grécia atrasou a invasão à União Soviética (KERSHAW, 2007). Em suma, a Itália rapidamente se tornou identificada como o lado mais fraco e um alvo óbvio dos Aliados (neste caso, os EUA e o Reino Unido), que, na sua abordagem indireta em relação à Alemanha, vieram para a Sicília em 1943. A Itália finalmente serviu a si mesma como uma cabeça de praia estratégica para satisfazer tanto a guerra da periferia contra a Alemanha quanto, parcialmente, a ânsia de Stalin por uma segunda frente, ocidental, na Europa.

Embora este documento esteja focado na Europa, vale a pena mencionar também o Japão, pois algumas de suas ações tiveram sérias repercussões no Velho Continente. A forma como o Japão travou sua própria guerra também mostra a falta de pontos em comum no Eixo. Afastado dos objetivos de Hitler, o ataque a Pearl Harbor, sem conhecimento prévio alemão, levou os EUA à guerra no exato momento em que Barbarossa se tornou um fracasso. Após a declaração de guerra americana dirigida apenas contra o Japão, Hitler declarou unilateralmente guerra contra os EUA. Isso deu a este último uma legitimação⁸ de sua aliança com o Reino Unido — e consequentemente com a URSS — e um motivo para apontar a Alemanha (não o Japão) como o primeiro inimigo a ser derrotado. Relembrando o tempo antes de Pearl Harbor, embora o Japão não estivesse disposto a enfrentar os soviéticos por causa de uma experiência anterior fracassada na Mongólia (YEGOROV, 2019), Berlim ofereceu a Tóquio uma expectativa de recompensas materiais sobre a Rússia (petróleo, talvez). Esta última poderia estar interessada em abrir uma segunda frente sobre a Rússia, em vez de atacar os EUA no Havaí.

Uma vez que era inevitável os EUA entrarem na guerra, mais coordenação do Eixo deveria ter acontecido para evitar a concentração dos ativos americanos no teatro europeu. Baer (1993, p. 204) argumenta que "porque [os japoneses] não [também montaram uma

8 O apoio americano aos Aliados já estava em vigor desde o início da guerra e se tornou flagrante com a Lei Lend-Lease de março de 1941.

guerre de course], durante toda a guerra, os Estados Unidos puderam dedicar seus limitados recursos de escolta e patrulhamento para [combater] a ameaça alemã". Portanto, a estratégia de Karl Dönitz (1891-1980), Grande Almirante da *Kriegsmarine* de 1943 a 1945), de "destruir mais navios de carga do que o inimigo pudesse repor" deveria ter tido a adesão japonesa. Isso teria possivelmente negado aos EUA o pleno aproveitamento de seu Poder Econômico (industrial), devido à sua eventual redução da capacidade de embarque.

Exemplos anteriores mostram o Eixo como simplesmente um pacto de não-agressão, em vez de uma verdadeira aliança ou coalizão. Além desses exemplos, a adesão tardia da Romênia (novembro de 1940) e da Bulgária (março de 1941), uma vez que os nazistas já estavam em seus territórios, reforça o caráter de *bandwagoning* do Eixo na Europa. Walt (1987) reúne algumas características de uma coalizão bem-sucedida, sendo elas: a existência de uma ameaça mútua; a partilha de encargos e uma política econômica conjunta; uma estratégia comum para neutralizar a ameaça acordada; um senso público de solidariedade; mecanismos compartilhados para a formulação de políticas, estratégias e operações de planejamento; e um comando unificado. De todas elas, a única característica do Eixo era que o Reino Unido e os EUA (nem mesmo a URSS) eram ameaças mútuas. Por outro lado, os Aliados (especialmente o binômio EUA-Reino Unido) estabeleceram um comando unificado, com mecanismos compartilhados, que definiu e executou uma estratégia comum, marcada por uma carga compartilhada e uma economia conjunta, em direção a um inimigo unânime: a Alemanha. O estabelecimento precoce dos Chefes de Gabinete Combinados (*Combined Chiefs of Staff* – CCS) sintetiza o compromisso mútuo dentro da parceria EUA-Reino Unido. No conjunto, os Aliados formaram uma coalizão pragmática, independentemente de ideologias e valores particulares de cada parceiro. Nem a falta de acordo sobre os objetivos para o término da guerra, nem a suspeita soviética de que uma segunda frente se tornaria realidade foram impedimentos definitivos para a aliança. O desacordo era geralmente superado por negociações, sendo várias delas uma reunião presencial de seus líderes máximos, como aconteceu em Teerã (dezembro 1943), Yalta (fevereiro 1945) e Potsdam (julho 1945).

Esta seção discutiu os sistemas de alianças dentro da Segunda Guerra Mundial, particularmente os que operaram na Europa. Usando a teoria de Stephen Walt, os Aliados foram identificados como uma aliança verdadeiramente equilibrada, segundo a qual uma poderosa ameaça mútua é a principal cola que mantém os Estados Unidos, mesmo aqueles com ideologias diferentes ou opostas. O Eixo, pelo contrário, foi formado na Europa por Estados fracos que se juntaram à Alemanha em uma iniciativa de *bandwagoning*. Como resultado, foi simplesmente um pacto de não-agressão e seus estados não orquestraram seus esforços. No conjunto, como uma aliança, tínhamos que os Aliados eram muito mais fortes do que o Eixo e, assim sendo, suas vitórias táticas eram capazes de produzir efeitos estratégicos e políticos que faziam mais sentido. Especialmente porque eles pressionaram a Alemanha em duas frentes geográficas. A discussão em torno da geografia e suas características, a propósito, diz respeito à seção seguinte.

4 Questões geográficas

Para Sun Tzu, "aquele que luta com pleno conhecimento [da distância e da dificuldade do terreno] com certeza vencerá; aquele que não o fizer, certamente será derrotado" (SUN TZU, 1963, p. 128). O que parece ser apenas uma preocupação tática, Vego (2009) também acha adequado, na verdade, um fator fundamental, no âmbito operacional; para ele, o **espaço** do fator operacional é fundamental para determinar o posicionamento das bases e para projetar linhas de operações. Ele também chama a atenção para o tipo de determinismo do espaço; enquanto o tempo do fator operacional é controlável, o espaço tem menos probabilidade de ser modelado em sua vantagem (VEGO, 2009). A consequência, portanto, é que os Comandantes devem estar plenamente conscientes das características da geografia, para que possam acomodar adequadamente a disposição da força, no tempo adequado, para superar obstáculos ou tirar proveito de um terreno benigno. Finalmente, Clausewitz (1989, p. 348) une tudo, levando o resultado ao próximo nível: "o efeito principal [da geografia e do caráter do terreno] está no reino das táticas, mas **o resultado é uma questão de estratégia**" (grifo nosso). Ao comparar os contendores da IIGM, a geografia era claramente a favor dos Aliados ou mais cuidadosamente considerada por eles. Em geral, o isolamento geográfico e o tamanho do território — e também sua disposição e conformação — desempenharam um papel importante para proporcionar aos Aliados a liberdade de ação e a possibilidade de trocar espaço pelo tempo.

Além do isolamento geográfico americano em relação ao teatro europeu, os EUA também puderam desfrutar de um isolamento diplomático auto-cultivado durante os primeiros anos da guerra, na medida do possível. Isso permitiu ao país permanecer neutro, ganhando tempo suficiente que permitiu não apenas uma melhor preparação militar e crescimento econômico (e industrial), mas também combater um inimigo nazista enfraquecido, após a longa luta deste último na Rússia. Além disso, se os EUA tivessem se juntado à IIGM em seu início, o povo americano poderia não ter sido tão solidário quanto aconteceu depois de Pearl Harbor.

Uma vez unida à guerra do lado dos Aliados, a geografia jogou novamente a favor dos EUA. A vastidão do Atlântico Norte, juntamente com a falta de capacidade alemã para disputar o comando do mar contra os americanos, contribuiu para uma condição confortável de território intocado em todos os EUA. Em resumo, o lado ocidental do Atlântico foi preservado durante toda a guerra como um refúgio para a grande produção contínua de material bélico e bens a serem consumidos pela máquina de guerra dos Aliados.

Quanto ao Reino Unido, sua geografia a manteve protegida da Blitzkrieg em seu auge e de uma muito improvável campanha anfíbia da *Kriegsmarine*. Para Murray & Millett (2000, p. 84), "um desembarque anfíbio nas Ilhas Britânicas nunca foi uma opção séria. Poucos líderes militares seniores alemães tinham uma pista sobre as complexidades de tal operação". Assim, a Batalha da Inglaterra se tornou o único "negócio" da *Luftwaffe* encarregada de executar bombardeios estratégicos. Mais uma vez, o fator operacional espaço foi fundamental para negar à Alemanha, apesar de sua leve vantagem numérica, qualquer possibilidade de conquistar a superioridade aérea necessária para prosseguir com a missão

principal. Voando no limite de seu alcance, as aeronaves nazistas acabaram em uma batalha de atrito que favoreceu os britânicos. Voando sobre território inimigo, cada aeronave derrubada representava uma perda definitiva da tripulação e do equipamento aéreo. Mesmo que os alemães tivessem conquistado a superioridade aérea, a campanha de bombardeio teria sido prejudicada de qualquer forma devido a uma fraca coleta de informações em termos de definição de alvos (MURRAY; MILLETT, 2000). No final das contas, essa experimentação precoce de uma *estratégia de choque e terror* foi infrutífera.

Quanto aos soviéticos, Stalin aproveitou o tamanho de seu território e deslocou o complexo militar-industrial soviético para o leste de Moscou durante a preparação para a guerra (MURRAY; MILLETT, 2000). Durante a luta, o Exército Vermelho manteve seu contínuo reabastecimento e, ainda mais fraco que o atacante alemão, trocou com sucesso espaço pelo tempo. Então, como professaram Vego e outros estudiosos da arte operacional, o Exército Vermelho aplicou habilmente a combinação correta de espaço e tempo, estendendo a luta até o inverno rigoroso e, junto com ele, ganhando tempo para reabastecer seu contingente — não podemos esquecer o Expurgo — e reunindo as condições para um contra-ataque.

Como mencionado anteriormente, a Operação Barbarossa foi a resposta alemã à sua campanha fracassada contra os britânicos. Uma vez implementada, porém, as características do espaço de batalha foram a favor dos soviéticos. Felizmente para eles, Berlim optou por avançar em três objetivos igualmente valiosos, estando eles muito separados um do outro, em uma linha noroeste-sudoeste com mais de 2.000 quilômetros de extensão. Isto fez com que os alemães não só marchassem sobre um enorme terreno, sob condições climáticas adversas, mas também o fizessem em três linhas de operação divergentes. Uma para Leningrado (São Petersburgo), para deter a constante ameaça representada pela esquadra soviética do Báltico; a mais austral, dirigida aos campos petrolíferos do Cáucaso; e uma terceira com o objetivo de esmagar o centro político de Moscou. Se este movimento tivesse sido feito em uma única linha de avanço, já teria sido um empreendimento complicado com linhas de comunicação sobrecarregadas (MURRAY; MILLETT, 2000). Os movimentos concomitantes em direção aos três objetivos causaram uma vasta frente escassamente apoiada por uma logística esmagadora. Isso acabou atrasando a campanha e o Exército alemão perdeu sua principal vantagem tática: A *Blitzkrieg*. Além disso, quando veio o contra-ataque, a frente muito larga e, então, pouco coesa, não estava em condições de segurá-la.

Da mesma forma que a geografia era a favor dos Aliados, a Alemanha foi seriamente afetada por ela. Em terra, enfrentou uma guerra de duas frentes sem nenhuma característica topográfica importante para apoiar sua defesa⁹. Especialmente no que diz respeito à frente oriental, a forma de cone do espaço entre a Rússia e a Alemanha implica naturalmente no princípio da concentração quando o ataque vem do Oriente. Coincidência ou não, os soviéticos foram os primeiros a pisar em Berlim.

No mar, a geografia também jogou duro contra a Alemanha, impondo dificuldades naturais no desenvolvimento de uma potência marítima em relação ao Reino Unido. Enclausurada no Mar do Norte, a liderança da *Kriegsmarine* não deveria ter desenvolvido um projeto de inspira-

⁹ Referindo-se apenas às frentes oriental e ocidental, e não considerando a frente no Sul, onde a Cordilheira Cassino, ao sul de Roma, forneceu apoio natural suficiente para construir a Linha Gustav que retardou com sucesso o movimento dos Aliados sobre a Itália em 1943.

ção *mahaniana* para construir uma esquadra de batalha para travar uma batalha decisiva pelo comando do Atlântico. A *Kriegsmarine* deveria levar em conta que a receita clássica de Alfred Mahan para o desenvolvimento de uma poderosa potência marítima considerava não apenas os meios, mas também as características geográficas. Nenhum destes, conforme prescrito por Mahan (1991), foi favorável à Alemanha. Então, os nazistas não deveriam reeditar o erro da IGM ao espelhar o Reino Unido para desenvolver uma esquadra antagonista. Provavelmente, teria sido bloqueada de qualquer forma. Assim, mais uma vez, mais de vinte anos depois, a esquadra mostrou sua inutilidade: concentrada, sofreu perdas definitivas durante a campanha contra a Noruega (abril-junho de 1940); dispersa, com navios operando isoladamente, como o Cruzador Pesado “*Admiral Graf Spee*”, adaptado para a guerra de corso, também fracassou (MURRAY; MILLET, 2000). Considerando a posição geográfica da Alemanha, a esquadra de batalha não deveria ter sido uma opção, em primeiro lugar. Ao invés disso, a *Kriegsmarine* deveria favorecer a produção do número original de submarinos solicitado por Dönitz (BAER, 1993). Se isso tivesse acontecido, a Alemanha teria apresentado resultados muito melhores na Batalha do Atlântico, alcançando uma maior tonelagem afundada no lado dos Aliados. Possivelmente, o objetivo final da campanha submarina ao provocar a paralisia britânica poderia ter sido alcançado.

Em resumo, esta seção argumentou que a Alemanha negligenciou que a geografia não favorecia sua guerra de expansão. A posição alemã no coração da Europa e suas águas fechadas causou uma guerra em duas frentes, sem o apoio de uma esquadra de batalha organizada e linhas de comunicação estendidas em demasia. Assim, a geografia foi outro fator que empurrou os nazistas para seu ponto culminante. Especialmente porque estavam lutando contra uma ilha protegida, um continente industrial do outro lado do Atlântico e um imenso território continental, cheio de espaço de manobra para contra-ataques.

5 Contra-argumentos que favorecem os números

Sempre que fazemos pesquisas, especialmente em ciências sociais, que revelam preferências e às vezes paixão, todos nós podemos ser suscetíveis a enviesamentos. Dito isto, é recomendado levantar contra-argumentos antes que alguém o faça. Assim, apesar destes três aspectos favorecerem os Aliados, pode-se argumentar que a resposta à nossa pergunta proposta é que a vitória aliada era de fato praticamente inevitável em vista de sua superioridade econômica e de mão-de-obra. Esse contra-argumento pode ser apoiado pelo princípio *Clausewitzianos* da predominância da defesa (CLAUSEWITZ, 1989), com a conseqüente necessidade de um grande número de tropas e material para realizar campanhas ofensivas, especialmente agressões anfíbias. Com o foco nesse princípio, quem procura números veria uma confirmação desta antítese em ambas as frentes da campanha territorial aliada; no Leste, ao perceber a capacidade do Exército Vermelho em implementar uma contra-ofensiva mesmo após a perda de cerca de cinco milhões de tropas; na Europa Ocidental, ao examinar a magnitude dos números envolvidos na execução da Operação Overlord, na qual as operações anfíbias foram levadas a um próximo nível na história militar.

No mar, onde não há tal vantagem defensiva em termos *Clausewitzianos* outra antítese precisa surgir. Neste sentido, a luta pela tonelagem de navios (reabastecimento de navios versus navios afundados) na Batalha do Atlântico pode ser apontada como nada mais que uma guerra pelos números; uma verdadeira luta pelas estatísticas. É também um contra-argumento que conta a favor da superioridade econômica e do Poder Industrial, para o qual o exemplo mais emblemático é a surpreendente alta taxa de produção dos navios cargueiros da classe “*Liberty*” (BAER, 1993). O mesmo motivo se aplica ao domínio aéreo no qual há uma necessidade imperiosa de estabelecer superioridade aérea antes de qualquer outra missão, seja ela terrestre, marítima ou aérea. Todos os expostos podem ser sintetizados em uma correlação com a Lei da Praça de Lanchester, pela qual um aumento de N vezes na quantidade só é superado por um aumento de N vezes na qualidade.

6 Refutação – os meios são importantes, mas vamos também considerar as formas

Guerras ilimitadas são aquelas em que pelo menos um dos competidores luta por fins ilimitados, geralmente a completa derrubada de um regime antagônico. O estudo desses tipos de guerra tende a enfatizar em demasia a importância dos meios “ilimitados”. Os contra-argumentos acima reforçam esta tendência. O que eles negligenciam, porém, é que a estratégia, tal como apresentada por Arthur Lykke Jr. (2001), reflete o equilíbrio adequado entre os fins e não apenas os meios, mas também os caminhos. Não por coincidência, o Professor Milan Vego (2009) reconhece a arte operacional como, entre outras coisas, uma ferramenta que trabalha na economia de recursos — materiais e humanos —, empregando-os sabiamente. Expandindo este conceito, o uso criterioso da arte operacional ajuda, assim, a superar as limitações tecnológicas e até mesmo contratempos táticos em relação ao adversário. Em resumo, a arte operacional torna-se assimétrica e, como estratégia, viável. Voltando à Lykke e não ignorando os caminhos, todos os contra-argumentos propostos podem ser confrontados contra um, ou mais, da tríade de argumentos: liderança sólida, aliança pragmática e consideração sábia da geografia.

Quando se trata de superioridade dos recursos humanos, vale mencionar que as ações de Stalin em relação ao Exército Vermelho, antes de Barbarossa, mostram que seu próprio Exército era mais uma fonte de ceticismo do que de confiança. Sua liderança foi um dos principais alvos do Grande Expurgo do líder soviético, com 65% de suas fileiras de 1936 eliminadas (KUROMIYA, 2013). Stalin, para ter certeza de que o Exército Vermelho lutaria contra os nazistas [e os japoneses], e não *com* eles, promoveu uma limpeza para reconstruir um exército de baixo para cima (KUROMIYA, 2013).

Dito isto, o tamanho do Exército Vermelho não teria servido para nada se os alemães tivessem adotado uma estratégia de “corações e mentes” dirigida ao povo soviético e ao exército do adversário. Ainda mais simples, os nazistas deveriam ter esperado ou patrocinado insurgências nas repúblicas satélites soviéticas, preservando, na medida do possível, sua parte no Pacto de Não-Agressão. Para usar uma palavra da atualidade, uma guerra híbrida, uma estratégia de zona “cinzenta”, talvez tivesse sido suficiente contra a URSS. O componente ideológico da estratégia de Hitler foi, entretanto, verdadeiramente relevante ao negar o provérbio pragmático “o inimigo de meu inimigo pode ser meu [eventual] amigo”.

Quando Barbarossa se tornou realidade e ficou claro que o Exército Vermelho iria combatê-lo, seu enorme tamanho teria sido igualmente insignificante se Stalin tivesse implementado seu primeiro plano de enviar todos para a frente mais distante, sem reservas atrás. Em sua mente, isso foi uma tentativa de segurar o primeiro golpe nazista a fim de ganhar tempo. Isso, no entanto, teria contradizido Clausewitz (1989), que lembra a natureza dispersiva da defesa contra a natureza de concentração do ataque. Se o Exército Vermelho tivesse ficado na linha de frente, a *Blitzkrieg* teria se aproximado dos centros de apoio alemães, teria conservado sua velocidade máxima e seu poder de choque e, então, provavelmente teria esmagado a linha soviética da mesma forma que fez contra os franceses. Toda a preparação anterior na mudança do suporte industrial para o Leste teria sido sem valor.

Na frente ocidental, a superioridade dos Aliados já estava clara depois que os EUA aderiram à guerra. Não é exagero, entretanto, afirmar que foi a abordagem indireta, representada pela escolha de levar os primeiros golpes no norte da África e na Itália, que permitiu que a Operação Overlord acontecesse no momento e local apropriados. Mesmo que a superioridade do capital humano e a abundância de meios indicassem que a operação era viável em junho de 1944, os Aliados não negligenciaram o uso do despistamento — Plano *Bodyguard* e Operação *Fortitude* — antes de sua execução. "Toda guerra é baseada no engodo", prescreve Sun Tzu. Além disso, Overlord foi precedido pelo isolamento adequado do campo de batalha (JOHANSON, 1994), com a aplicação criteriosa da interdição do ar e a destruição das redes de transporte e comunicação nazistas na França. No conjunto, esses dois procedimentos reforçam a importância de levar em conta os caminhos em paralelo com a consideração dos meios. Em suma, são exemplos clássicos que temos para o estudo da arte operacional quando se trata respectivamente das funções operacionais "manobra" e "incêndios", como são definidas em documentos doutrinários como o americano JP 3-0, Ch.1, *Joint Operations* (UNITED STATES, 2018). O sucesso do ataque anfíbio também pode ser atribuído à estratégia do Marechal-de-Campo Gerd von Rundstedt (1875-1953) de "deixá-los vir", segundo a qual apenas uma resistência leve seria posicionada nas praias para retardar a primeira fase do movimento aliado, e uma defesa mais firme seria montada em torno de Paris (MARGARITIS, 2019).

Quanto às repercussões no mar, pode-se argumentar que a campanha submarina, realizada sozinha, foi um empreendimento insuficiente e uma má estratégia, em geral. Dificilmente chegaria a seu objetivo de tonelagem e a produção americana teria sido aumentada de qualquer forma, considerando que os EUA são um continente em si, cheio de centros industriais que não foram fisicamente ameaçados por nenhum inimigo. No final do dia, a campanha submarina alemã terminou fornecendo a Roosevelt outro argumento para acender os americanos com sua política "a Alemanha primeiro". Se os alemães não tivessem atacado a navegação americana no mar, o clamor do povo americano poderia ter levado Roosevelt a apontar o Japão como um primeiro inimigo. Autores como Murray e Millett (2000) propõem que a campanha submarina nunca deveria ter sido realizada, e seus recursos alocados ao Exército alemão e à *Luftwaffe*. Possivelmente, o aumento da velocidade da *Blitzkrieg* no nível tático refletiria mais vigorosa e rapidamente na estratégia geral nazista, dissuadindo as potências antagônicas de se juntarem à guerra.

No ar, a superioridade em números conquistada desde cedo pelos Aliados nunca foi motivo para que eles tentassem batalhas de atrito para os céus. A campanha aérea aliada seguiu a mesma lógica da utilizada em terra, enfrentando a *Luftwaffe* em sua periferia. Somente quando estava suficientemente enfraquecido para não poder disputar o comando das alturas, os Aliados começaram sua campanha estratégica de bombardeio sobre os objetivos internos alemães e a interdição operacional das linhas de comunicação alemãs na França.

Ao refutar os contra-argumentos, torna-se claro que os estados precisam atender a alguns requisitos prévios que permitirão a distribuição adequada (hora certa, lugar certo e com a concentração correta) de seus meios, ainda que eles sejam abundantes. A IIGM na Europa mostra como os Aliados, tendo uma melhor liderança, um compromisso mais forte dentro da aliança e uma estratégia verdadeiramente orientada geograficamente, concederam números maciços de homens e ativos que contribuíram fortemente para seu sucesso geral. O pessoal e a economia foram apenas as porções visíveis e mensuráveis de uma estratégia forte e abrangente; uma estratégia que, ao comprometer todos os instrumentos do Poder Nacional com a máquina de guerra, foi capaz de criar uma série de vitórias táticas e de tirar o máximo proveito político delas.

8 Conclusão

"A história não se repete, mas muitas vezes rima". Sendo este ditado elegante atribuído a um escritor reconhecido¹⁰, ou simplesmente anônimo, oferece um grande incentivo para examinar o passado em busca de como as coisas podem se desenrolar agora. Isso é verdade para os estudos em estratégia porque, embora a guerra envolva uma grande quantidade de tecnologia em constante evolução que eventualmente muda o caráter da guerra — a forma como ela se manifesta —, o que a guerra realmente é, sua natureza, é imutável. Então, ainda é válida a definição *Clausewitzian* de que a guerra é um violento choque entre duas partes que tentam alcançar fins políticos conflitantes. Dito isto, e considerando que, desde a IIGM, não houve outro confronto "quente" entre duas potências de poder equivalente, a guerra do século passado pode, mesmo agora, proporcionar valiosos *insights* sobre a dinâmica de um futuro eventual conflito armado entre duas grandes potências e seus estados aliados.

Com relação ao fato de que a guerra pode ter seu caráter evoluído, reconhecemos plenamente que qualquer guerra quase futura se desenvolveria num contexto de uma economia muito mais interdependente — e, de modo geral, mais entrelaçada — do que foi na época da Segunda Guerra Mundial. A tecnologia, também, provavelmente traria em jogo uma quantidade crescente de novas máquinas de guerra [robotizadas]. Além disso, as relações internacionais atuais não são mais o único negócio dos estados e lidamos hoje com inúmeros atores sub e multiestatais. Assim, uma quantidade considerável destes novos atores representa ameaças e desafios à segurança, às vezes com material novo e brilhante e uma procuração dada por um estado formal. Por trás de tudo isso, há uma profusão de regimes jurídicos internacionais na tentativa de governar um sistema que, segundo uma visão realista, é anárquico por natureza.

¹⁰ Embora a sentença seja comumente associada ao escritor Mark Twain (nome real Samuel Clemens - 1835-1910), não há provas formais de que a sentença seja realmente sua própria.

No total, o resultado é que nosso léxico incorporou recentemente novas expressões, tais como lei, estratégia de zona “cinzenta” e guerra híbrida. Este trabalho carece de análise de todos eles. Entretanto, apostamos que, mais do que nunca, o número de homens e bens, sozinhos, não responderá a este cenário.

Por outro lado, considerando a perpetuação da natureza da guerra, este artigo, olhando o pano de fundo dos compromissos, relações e outros assuntos sobre a IIGM, teve como objetivo confirmar que as guerras convencionais e prolongadas foram vencidas pelo lado que apresenta não apenas superioridade de mão-de-obra e força econômica, mas também, e principalmente, um julgamento mais apropriado de todos os instrumentos do Poder Nacional. Tudo isso apoiado por uma sólida estratégia que combina liderança, lealdade a uma aliança e, observância às características do espaço ao redor. Não pretendemos, a qualquer momento, negar a importância do número de homens e ativos e do Poder Industrial para fornecer apoio contínuo à frente. Em vez disso, quisemos enfatizar o que deve funcionar em paralelo a esses. A superioridade só tem sentido se chegar ao campo de batalha na hora certa, vindo do eixo mais adequado e com um objetivo adequado a ser alcançado. Descer um pouco e alcançar o nível operacional da guerra, a arte operacional envolve tudo, chamando nossa atenção para a importância de uma inter-relação equilibrada entre força, tempo e espaço. A superioridade da economia e da (força de) pessoal não é uma panaceia para vencer guerras. Consequentemente, eles estão longe de ser o único objetivo de uma estratégia sólida.

Como este trabalho foi iniciado reconhecendo a grande concorrência de poder dos dias de hoje, é convincente que envolvamos tudo, amarrando as lições do passado a uma receita para o futuro próximo. Olhando para o lado dos EUA, o passado indica que a política partidária de hoje dará espaço para uma liderança ousada e unificadora, o empoderamento das instituições e o esforço interagências. Além disso, os Estados Unidos devem continuar reforçando a verdadeira parceria em todo o mundo, especialmente em áreas para combater a influência de seus rivais. A este respeito, parece razoável que os EUA procurem, na esteira da Diretriz de Estratégia de Segurança Interina, obter melhores resultados das organizações internacionais e fóruns multilaterais, trabalhando dentro de sua estrutura. Quanto a seus concorrentes mais próximos, os EUA devem entender que, embora ambos tenham se mostrado bons em “lutar” na zona “cinza” por objetivos limitados em sua vizinhança imediata, parece improvável que algum deles tente objetivos mais pretensivos. Pelo menos por enquanto, tal empreendimento — que exige capacidades bélicas não testadas recentemente em combate — parece um esforço pouco razoável para eles. Enquanto um é cercada pela geografia (Primeira e Segunda Cadeias de Ilhas nos Mares do Leste e do Sul da China) e depende esmagadoramente dos recursos estrangeiros, o outro luta com uma população em declínio e uma economia estagnada. O confronto direto não serve bem para os EUA. Em vez disso, a contenção e a abordagem indireta, especialmente se levada com o apoio de uma sólida rede de aliados, sob uma liderança comprometida e sábia, ainda se encaixa no propósito dos EUA de não perder seu status hegemônico.

Autoria e Colaborações

Todos os autores participaram de modo equivalente na elaboração do artigo.

Referências

ALLISON, G. The Thucydides trap. *Foreign Policy*, Washington, June 9, 2017. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/06/09/the-thucydides-trap/>. Acessado em: Abril 24, 2020.

BAER, G. *One hundred years of sea power: the U.S Navy, 1890-1990*. Stanford: Stanford University Press, 1993.

BIDDLE, T. Coercion Theory: a basic introduction for practitioners. *Texas National Security Review*, [Austin], v. 3, n. 2, p. 94-109, 2020. Disponível em: <https://tnsr.org/2020/02/coercion-theory-a-basic-introduction-for-practitioners/>. Acessado em: Abril 20, 2020.

BRACKMAN, R. *The secret file of Joseph Stalin: a hidden life*. London: Frank Cass, 2001.

BUNGAY, S. *The most dangerous enemy: a history of the Battle of Britain*. London: Aurun Press, 2009.

CHURCHILL, W. We shall fight on the Beaches. In: INTERNATIONAL CHURCHILL SOCIETY. *Resources. Speeches. 1940: the finest hour*. Washington, D.C.: International Churchill Society, June 4, 1940. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/we-shall-fight-on-the-beaches/>. Acessado em: Abril 28, 2020.

CLAUSEWITZ, C. von. *On war*. Edited and translated by Michael Howard & Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1989.

COHEN, E. *Supreme command: soldiers, statesmen and leadership in wartime*. New York: The Free Press, 2002.

COUTAU-BÉGARIE, H. *Tratado de estratégia*. Traduzido por Brigitte Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

HANDEL, M. *Masters of war: classical strategic thought*. London: Routledge, 2001.

HOSCH, W. Political leaders. In: HOSCH, W. *World War II: people, politics, and power*. New York: Britannica Educational Publishing, 2010. p. 189-204.

HUMBLE, R. *Hitler's high seas fleet*. London: Pan Books, 1971.

JOHANSON, W. J. Bitter Victory: the Battle for Sicily, 1943, by Carlo D'Este, and Decision in Normandy". *Naval War College Review*, Newport, v. 47, n. 3, 1994. Disponível em: <https://digital-commons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3406&context=nwc-review>. Acessado em: Dez 5, 2021.

KERSHAW, I. *Fateful choices: ten decisions that changed the world, 1940-1941*. London: Allen Lane, 2007.

KUROMIYA, H. *Stalin (profiles in power)*. London; New York: Routledge, 2013.

LYKKE Jr, A. F. *Toward an Understanding of Military Strategy*. In: CERAMI, J. R.; HOLCOMBJR, J. F. *U.S. Army College guide to strategy*. Carlisle: War College, 2001. 179-185.

MAHAN, A. T. *Mahan on Naval strategy: selections from the writings of rear admiral Alfred Thayer Mahan*. Annapolis: Naval Institute Press, 1991.

MARGARITIS, P. *Countdown to D-Day: the german perspective*. Philadelphia: Casemate Publishers, 2019.

MATLOFF, M. *Allied Strategy in Europe, 1939-1945*. In: PARET, P. (ed.). *Makers of modern strategy: from Machiavelli to the Nuclear Age*. Princeton: Princeton University Press, 1986. p. 677-702.

MURRAY, W.; MILLETT, A. *A war to be won: fighting the Second World War*. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000.

SULLIVAN, D. *Destined for Competition: An Analysis of Graham Allison's Thucydides Trap*. *The Strategy Bridge*, [s. l.], Jan 24, 2018. Disponível em: <https://thestrategybridge.org/the-bridge/2018/1/24/destined-for-competition-an-analysis-of-graham-allisons-thucydides-trap?rq=thucydides>. Acessado em: Nov 26, 2021.

SUN TZU. *The art of war*. Translated by Samuel Griffith. Oxford: Oxford University Press, 1963.

THE WHITE HOUSE. *Interim National Security Strategic Guidance*. Washington, D.C.: The White House, March 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>. Acessado em: Nov 26, 2021.

THE WHITE HOUSE. *National security strategy of the United States of America*. Washington, D.C.: The White House, December 2017. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?abstract&did=806478>. Acessado em: Nov 26, 2021.

UNITED STATES. Joint Chiefs of Staff. *Joint Operations: 17 January 2017 incorporating Change 1, 22 October 2018*. Washington, D.C.: Joint Chiefs of Staff, [2018]. (Joint Publication 3-0). Disponível em: https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/jp3_0ch1.pdf. Acessado em: Dez 12, 2021.

VEGO, M. **Joint Operational Warfare**: theory and practice. Newport: Naval War College, 2009.

WALT, S, M. **The origins of alliances**. Ithaca; London: Cornell University Press, 1987.

YEGOROV, O. How the USSR under Zhukov Smashed the Japanese in Mongolia. **Russia Beyond**, Moscow, Sep 3, 2019. Disponível em: <https://www-rbth-com.cdn.ampproject.org/c/s/www.rbth.com/history/330922-soviet-japanese-war-khalkyn-gol/amp#>. Acessado em: Abr. 29, 2020.